

Frente à corrupção e autoritarismo do clã Netanyahu

A atenção do mundo está focada na mudança de política de Trump sobre o status de Jerusalém e os protestos palestinos que irromperam em resposta. As chamadas forças de segurança israelenses já causaram a morte de manifestantes.

Mas as dezenas de milhares de israelenses que bloquearam o centro de Tel Aviv na noite de sábado, 9 de dezembro, vieram protestar contra algo completamente diferente.

Pela segunda semana consecutiva, massas de manifestantes – em números nunca vistos nas ruas desde as manifestações de justiça social de 2011 – participaram em Tel Aviv e em outras cidades para protestar contra uma onda de revelações de corrupção visando os políticos do país e as crescentes ameaças às instituições e normas democráticas feitas pelo primeiro-ministro Netanyahu e seus acólitos.

As manifestações já deixaram a sua marca. Em resposta à manifestação da semana passada, cujo tamanho surpreendeu até mesmo os seus organizadores, Netanyahu anunciou que a legislação para protegê-lo das consequências de numerosas investigações de corrupção seria alterada de forma que ele não iria se beneficiar pessoalmente.

As manifestações começaram em Tela viv há apenas uma semana, mas não é um movimento novo. O ultraje à corrupção em Israel está longe de ser novo. Por mais de um ano várias centenas de pessoas têm organizado manifestações semanais perto da casa do procurador geral de Israel no bairro Petah Tikva de Tel Aviv, exigindo que ele indiciasse Netanyahu pelas várias alegações de corrupção que estão sendo investigadas pela polícia.

Há duas investigações criminais envolvendo Netanyahu pessoalmente, uma envolvendo sua esposa e várias envolvendo alguns de seus aliados e confidentes mais próximos. Estão também em curso investigações criminais contra o homem de confiança de Netanyahu, o líder da coligação David Bitan (Likud) e o Ministro das Finanças Aryeh Deri (partido religioso Shas), que já cumpriu quase dois anos de prisão por fraude e corrupção.

O clima de corrupção e criminalidade na política vai muito além do atual governo e seu chefe. Dezenas de prefeitos israelenses são objeto de uma investigação criminal por corrupção ou apropriação indevida de fundos (alguns foram acusados, outros foram considerados culpados). Pouco importa que o antecessor imediato de Netanyahu, Ehud Olmert (Likud, depois Kadima), tenha sido recentemente libertado da prisão após 17 meses por aceitar subornos. Do mesmo modo, o antigo Presidente israelita Moshe Katzav acaba de ser libertado após ter cumprido cinco anos de prisão por violação.

Não obstante, a corrupção é somente metade da história

Outra questão que une muitas pessoas é o deslize ao autoritarismo desenvolvido por Netanyahu e a legislação antidemocrática, bem como a retórica de seus sucessivos governos. O atual governo, sem dúvida o mais direitista da história de Israel, reforçou as tendências antidemocráticas ao longo do último ano, apoiadas pela ascensão de Donald Trump e movimentos nacionalistas de direita na Europa e em outros lugares.

O que começou como ataques contra cidadãos palestinos e a esquerda judaica se expandiu nos últimos anos para incluir ameaças contra a sociedade civil, a mídia, a academia e o judiciário. Até mesmo a polícia e o exército, há muito considerados vacas sagradas no discurso político israelense, têm sido cada vez mais atacados pela direita como “esquerdistas demais”.

Em um discurso recente, o presidente israelense Reuven Rivlin (Likud) descreveu as tendências atuais do governo como um “golpe de Estado” contra os pilares da democracia (embora “democracia” apenas do ponto de vista judeu).

Foi a combinação destes dois problemas – corrupção e ataques a instituições democráticas – que levou dezenas de milhares de israelitas às ruas duas noites seguidas de sábado à noite.

Falando em um comício em Tel Aviv este mês, Uzi Arad, ex-conselheiro de segurança nacional de Netanyahu, advertiu: “Os historiadores nos ensinam que os países são tão fortes quanto suas instituições são. Hoje, o Estado de Israel [opera] contra o Estado de Israel... Receio que, sem uma mudança na forma como lidamos com a corrupção e trazemos pessoas corruptas à justiça, os nossos maiores receios se concretizem”.

Dois reflexões finais sobre este novo movimento

Primeiramente, a grande maioria das pessoas que se manifestaram nunca foram muito favoráveis a Netanyahu nem votaram nele. Neste sentido, não devem ser vistos como representando uma mudança radical nos costumes face às eleições políticas. Netanyahu continua a liderar em quase todas as pesquisas recentes. No entanto, isto indica um tipo de mudança. Forçar Netanyahu a recuar de um projeto de lei que o entusiasmou particularmente não é uma questão de segunda ordem, especialmente quando praticamente não existe oposição parlamentar propriamente dita. Quanto mais estas manifestações continuarem, mais o governo, e em particular o seu “elo fraco” – o ministro das Finanças Moshe Kahlon (Kulanu), que rompeu com o partido de Netanyahu e é considerado por muitos como o último defensor dos valores democráticos no atual governo – será posto à prova.

Em segundo lugar, embora o mundo veja Israel apenas do ponto de vista da ocupação, da guerra e do conflito, para muitas pessoas em Israel, essas não são as principais preocupações.

Enquanto a velha esquerda sionista quase desapareceu completamente, à medida que o movimento se move ainda mais para a direita sob a liderança de Avi Gabbay (Kulanu, então Partido Trabalhista desde 2016), a luta contra a corrupção política e pelos valores democráticos poderia servir como um novo ponto de encontro contra a direita autoritária de linha dura.

Como Amira Hass escreveu em sua última crônica no Haaretz, a maioria do povo israelense se aproveita da ocupação e se recusa a perceber que “Israel não é uma democracia porque governa cerca de 4 milhões de palestinos privados de direitos e sistematicamente despojados e cerca de 2 milhões de cidadãos de segunda classe”. No entanto, Amira Hass apoia o movimento de protesto: “É verdade que as pessoas que se manifestam na Avenida Rothschild e na Praça Rabin não se juntam a Ta’ayush [um grupo de esquerda que protege os palestinos da violência dos colonos]. Sai às ruas para se opor à erosão da democracia para os judeus. Só espero que este processo de erosão dos direitos democráticos seja o mais lento possível... porque o pior não conduz ao melhor, mas apenas a uma situação pior e mais perigosa”.

Original: [ALENCONTRE](#)